



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística  
e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 4

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:  
Perspectivas Críticas e Teóricas 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 4 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 4)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-704-8 DOI 10.22533/at.ed.048190910  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

No quarto volume deste e-book abrangente das áreas de Letras, Linguísticas e Artes, o leitor encontrará uma possibilidade de textos capazes de problematizar sua intervenção como agente protagonista e pesquisador, pois em cada reflexão são apontados inúmeros caminhos capazes de direcionar o leitor atento a problematizar sua proficiência e autonomia. Todo esse caminho discursivo se concretiza nas reflexões dos vinte e oito capítulos, que, certamente, contribuirão com a ampliação do leitor.

No primeiro capítulo, a autora relaciona a formação identitária visual dos alunos diante das influências do imaginário e do cotidiano escolar. No segundo capítulo, a temática do letramento em língua portuguesa para a pessoa surda representa o foco. No terceiro capítulo, discute-se a poética no curso de dança, por meio do *livro de artista*. No quarto capítulo, os autores analisam a construção da identidade, baseando-se em uma investigação de cunho analítico.

No quinto capítulo, são reconstruídos os percursos em torno da memória, sobretudo, do termo *reza*. No sexto capítulo, os modos de organização da linguagem artística dança são problematizados a partir das reflexões reveladas ao longo do estudo. No sétimo capítulo, os autores analisam o multiculturalismo e a aquisição de um novo idioma. No oitavo capítulo, a concepção à especialidade *autismo* é analisada na relação com os envolvidos no espaço escolar.

No nono capítulo, o contexto do Brasil quinhentista é apresentado a partir de uma análise historiográfica linguística. No décimo capítulo, a leitura é problematizada nos espaços do livro e das novas tecnologias digitais inseridas nos contextos de ensino. No décimo primeiro capítulo, o autor traz para a sala de aula as reflexões de Bakhtin, reafirmando a necessidade propositiva de utilização do autor no processo de ensino e aprendizagem na escola. No décimo segundo capítulo, é analisada a grotescalização da linguagem cômica europeia e a cultura cômica brasileira contemporânea.

No décimo terceiro capítulo, a autora analisa uma obra literária, apresentando questões sobre a personagem principal. No décimo quarto capítulo, o autor reflete, a partir de uma obra literária, além de problematizar questões e propor a ampliação de olhares sobre o texto literário. No décimo quinto capítulo, a autora rediscute a importância da Arte na educação infantil. No décimo sexto capítulo, a autora estabelece um processo de compreensão em dança, associando-o com os demais elementos na arte do movimento.

No décimo sétimo capítulo, a autora amplia a visão dos leitores sobre processos criativos em Rede Digital. No décimo oitavo capítulo, a autora coloca em destaque a presença do professor e do Ser professor. No décimo nono capítulo, há a proposição de um diálogo harmônico com uma ópera. No vigésimo capítulo, enfatiza-se a importância do ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos.

No vigésimo primeiro capítulo, as autoras refletem como a noção de sujeito foi sendo construída nos estudos linguísticos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras abordam a educação informal como possibilidade de interação afetiva entre seis irmãos. No vigésimo terceiro capítulo, os autores descrevem as vivências de estudantes e, para isso, utilizam a linguagem midiática. No vigésimo quarto capítulo, os autores analisam, reflexivamente, as criações poéticas investigadas.

No vigésimo quinto capítulo, a autora coloca em destaque dois idiomas no campo da discussão. No vigésimo sexto capítulo, os autores colocam em destaque a corporeidade de um povo indígena. No vigésimo sétimo capítulo, a autora discute conceitos essenciais para multimodalidade. E, por fim, no vigésimo oitavo e último capítulo, a autora apresenta reflexões sobre a importância da literatura para o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, bem como sobre a viabilidade de desenvolver um trabalho com gêneros textuais baseado no Interacionismo Sociodiscursivo, de Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (1999), como uma possibilidade de sistematização do ensino de literatura em língua inglesa.

No término desta sucinta apresentação ficam explícitos os múltiplos desejos de que todos os leitores tenham a oportunidade de investigar novos caminhos, sendo eles desejosos de encontrar as respostas para suas próprias indagações.

Ivan Vale de Sousa.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
IDENTIDADE VISUAL E APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA – O NOME COMO MARCA	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.0481909101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
LETRAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA PESSOA COM SURDEZ	
Esmeraci Santos do Nascimento	
Antonia Luzivan Moreira Policarpo	
DOI 10.22533/at.ed.0481909102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
LIVRO DE ARTISTA: ENSINO E POÉTICA NO CURSO DE DANÇA	
Carla Carvalho	
Mariana Lopes Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.0481909103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
LUGAR DA IDENTIDADE EM MULAN: FEMININO OU MASCULINO?	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.0481909104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
MEMÓRIAS SOBRE A REZA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SOLO “PÉ DE OLIVEIRA”	
Ewellyn Elenn de Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0481909105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
MODOS ORGANIZATIVOS EM DANÇA: A VULNERABILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ATRAVESSAMENTOS	
Adriana Bittencourt Machado	
Ireno Gomes da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.0481909106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>61</b>
MULTICULTURALISMO E A AQUISIÇÃO DE UM NOVO IDIOMA	
Fabio da Silva Pereira	
Janiara de Lima Medeiros	
Marcela Pinto Reis	
Melissa Jacob Otoni de Souza	
Monique Oliveira	
Ohana Gabi Marçal dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0481909107	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>73</b>
O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO DE GESTÃO	
Anitereze Sevalho Lopes Rosineide Rodrigues Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0481909108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>85</b>
O BRASIL QUINHENTISTA E A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: INTERFACES	
Leonardo Ferreira Kaltner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0481909109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>99</b>
O ESPAÇO DO LIVRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: PROBLEMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LEITURA	
Thiago Barbosa Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
NA SALA DE AULA COM MIKHAIL BAKHTIN	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>123</b>
O GROTESCO NA CULTURA MEDIEVAL EUROPEIA E A GROTESCALIZAÇÃO NA NOVA PERCEPÇÃO HISTÓRICA E MIDIÁTICA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	
Everaldo dos Santos Almeida Roberto Max Louzeiro Pimentel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
O INVERNO DE BÁRBARA: UMA ANÁLISE DO CONTO “BÁRBARA NO INVERNO”, DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
PEDAÇOS DE PAISAGENS AQUI DENTRO: ASPECTOS DA PROSA LUSITANA OITOCENTISTA EM EÇA DE QUEIRÓS, FIALHO DE ALMEIDA E TRINDADE COELHO	
André Carneiro Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
PERCEBER O OLHAR ATENTO DAS CRIANÇAS SOBRE O MUNDO PERMITE REALIZAR PROPOSTAS CONVIDATIVAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Renata Pereira Navajas Mancilha Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA: IMPROVISÇÃO, SONS E IMAGENS	
Juliana Cunha Passos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091016</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
PROCESSOS CRIATIVOS EM REDE DIGITAL: POR QUE INTERPRETAR A NÓS MESMOS + [POR UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA]	
<a href="#">Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
PROFESSOR TAMBÉM FAZ ARTE: O DESENHO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA	
<a href="#">Iêda Maria Loureiro de Carvalho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>202</b>
QUANDO O BALÉ FALA DE SI MESMO: O SUSPIRO DE VERONIQUE DOISNEAU	
<a href="#">Rousejanny da Silva Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>208</b>
RESISTÊNCIA POLÍTICA CRIADORA: ARTE NA EJA PARA ALÉM DO LETRAMENTO	
<a href="#">Fernando Bueno Catelan</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091020</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>217</b>
REVISITANDO A NOÇÃO DE SUJEITO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM	
<a href="#">Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio</a>	
<a href="#">Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>227</b>
SOMOS SEIS: ARTE E POÉTICA DO COTIDIANO NA ESTÉTICA DAS RELAÇÕES	
<a href="#">Tarcila Lima da Costa</a>	
<a href="#">Fernanda Maria Macahiba Massagardi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>238</b>
SOMOS TODOS IGUAIS NAS DIFERENÇAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-SOCIAL A PARTIR DO VÍDEO CLIPE “BLACK OR WHITE”, DO ARTISTA MICHAEL JACKSON	
<a href="#">Laura Paola Ferreira</a>	
<a href="#">Fabrício Andrade</a>	
<a href="#">Aline Choucair Vaz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>247</b>
SUSPENDAMOS A TAÇA PELOS DIAS QUE VIVEU: A CRIAÇÃO POÉTICA SOB A PERSPECTIVA DA RECORDAÇÃO EM POEMAS DE RUY BARATA	
<a href="#">Adonai da Silva de Medeiros</a>	
<a href="#">Elielson de Souza Figueiredo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091024</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>266</b>
TEACHING FOREIGN LANGUAGES IN FRANCE: THE CASE OF PORTUGUESE AND SPANISH	
<a href="#">Carolina Nogueira-François</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091025</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>277</b>
TORÉ INDÍGENA TABAJARA: DANÇA, CULTURA E TRANSFORMAÇÕES	
<a href="#">Cristina da Conceição Resende</a>	
<a href="#">Victor Hugo Neves de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091026</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>283</b>
UM DEBATE METODOLÓGICO PARA TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE MULTIMODAL DE CORPUS AUDIOVISUAL	
<a href="#">Larissa de Pinho Cavalcanti</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091027</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>295</b>
A FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES TEATRAIS EM COMUNIDADES DE MANAUS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA QUE CONSIDERA AS DIMENSÕES DE CULTURA POPULAR, ARTE E VIDA E O SABER DA EXPERIÊNCIA	
<a href="#">Amanda Aguiar Ayres</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04819091028</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>306</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>307</b>

## LUGAR DA IDENTIDADE EM MULAN: FEMININO OU MASCULINO?

**Marcus Pierre de Carvalho Baptista**

Núcleo de Estudos sobre a Zona Costeira do  
Estado do Piauí – NEZCPI/UESPI

Teresina – Piauí

**Elisabeth Mary de Carvalho Baptista**

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Teresina – Piauí

**RESUMO:** Universos completamente distintos, homens e mulheres, compartilham algo em comum: são componentes da sociedade. Fazendo parte do social ao longo do tempo, na sociedade ocidental, o feminino e o masculino tiveram papéis atribuídos, ou seja, tanto homem como a mulher tinham bem definidos o que deveriam fazer, como deveriam agir e viver e em que lugar deveriam estar levando a uma construção identitária para ambos. No século XX houve a desconstrução desses papéis, outrora cristalizados no Ocidente. Finda-se essa perspectiva de que a mulher ou o homem são de determinada maneira e que devem tomar para si essa identidade construída ao longo do tempo. Com as transformações ocorridas principalmente a partir dos movimentos sociais dos anos 1960, possibilitou-se o questionamento destes aspectos em diversos setores da sociedade como, por exemplo, o cinema. O objetivo deste trabalho foi analisar a construção da identidade da personagem Mulan a partir

da animação de mesmo nome. A metodologia constou de pesquisa bibliográfica e análise documental. Os resultados indicaram que os papéis aparentemente definidos pela sociedade provocam inicialmente uma crise de identidade na protagonista, que não se reconhece sem saber a qual lugar pertence e no decorrer da narrativa, por questões sentimentais, assume uma identidade masculina na qual se sobressai dentro de um contexto dominado por homens. A animação questiona os papéis femininos e masculinos estabelecidos socialmente e a identidade atrelada a estes, fugindo da regra social comum vigente, levando em conta o contexto sócio-histórico no qual o filme foi produzido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Mulan. Papéis Sociais.

### PLACE OF IDENTITY IN MULAN: FEMININE OR MALE?

**ABSTRACT:** Completely different universes, men and women, share something in common: they are components of society. Being part of the social over time, in the western society, the feminine and masculine had roles attributed to themselves, that is, both men and women had well defined what they should do, how they should act and live and where they should be,

leading to an identity construction for the masculine and the feminine. In the twentieth century there was the deconstruction of these roles, once crystallized in the West. It is the end of this perspective that the woman or the man are in a certain way and that they must take for themselves this identity built up over time. With the transformations that occurred mainly from the social movements of the 1960s, it was possible to question these aspects in various sectors of society, such as the cinema. The objective of this work was to analyze the construction of the identity of the character Mulan from the animation of the same name. The methodology consisted of bibliographical research and documentary analysis. The results indicated that the roles apparently defined by society initially provoke an identity crisis in the protagonist, which do not recognize herself, without knowing which place she belongs and throughout the narrative, for sentimental reasons, assumes a masculine identity in which it stands out within a context dominated by men. The animation questions the socially established roles as feminine and masculine, as well as the identity tied to them, avoiding the current common social rule, taking into account the socio-historical context in which the film was produced.

**KEYWORDS:** Identity. Mulan. Social Roles. Place.

## 1 | INTRODUÇÃO

Durante o século XIX acreditou-se que a narrativa histórica necessitava única e exclusivamente de documentos escritos para que pudesse existir. Nesse momento quando a História se consolida enquanto uma ciência considerava-se que os documentos poderiam falar por si só e que o trabalho do historiador seria a mera narração das informações ali contidas. Segundo Burke (2011) este seria o paradigma tradicional, preocupado com os acontecimentos políticos, com os “grandes homens” da História e baseada quase que exclusivamente em documentos oficiais, principalmente aqueles produzidos pelo Estado.

Contudo, no decorrer do século XX, novas perspectivas tornam-se possíveis dentro do âmbito da História, uma destas sendo a Nova História. Para Burke (2011, p.10) este novo olhar dentro do campo histórico seria “[...] uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional [...]”. Ou seja, a escrita da História passa a se interessar por tudo aquilo que outrora havia sido ignorada pelo paradigma tradicional, ela agora se interessa “[...] por virtualmente toda a atividade humana.” (BURKE, 2011, p.11). Além disso, cria novos métodos de análise e agrega também novas fontes ao seu ofício.

Dentro destas novas fontes inseridas agora nas possibilidades de análise histórica é que se pode encontrar as audiovisuais. Sobre estas, Napolitano (2008) aponta que vivemos em um mundo cada vez mais subjugado pelas imagens e músicas produzidas a partir da realidade através de aparelhos tecnológicos progressivamente mais bem elaborados. Para ele esta transformação na sociedade que toma forma no

decorrer do século XX não pode passar despercebida pelos historiadores e deve-se tomar cuidado ao escolher a utilização de fontes audiovisuais para a construção de sua escrita. Em sua perspectiva é

[...] necessário articular a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais (ou seja, seus códigos internos de funcionamento) e as representações da realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu “conteúdo” narrativo propriamente dito). (NAPOLITANO, 2008, p.237).

Em outras palavras é preciso ao historiador a sensibilidade para compreender como a linguagem utilizada pela fonte audiovisual é construída e de que maneira ela busca representar determinado contexto histórico-social dentro de sua narrativa. Destarte é preciso ter em mente também que a produção de uma obra está sempre vinculada a um espaço social de produção. Sobre isso Certeau (2011, p.57) nos lembra de que

O livro ou o artigo de história é, ao mesmo tempo, um resultado e um sintoma do grupo que funciona como um laboratório. Como o veículo saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao **complexo** de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma “realidade” passada. É o **produto** de um **lugar** (Sic).

Dessa forma, da mesma maneira que a narrativa histórica está vinculada a um período e espaço específico, a fonte histórica também estará. Ela é fruto de um tempo e lugar específico. E é com isso em mente que se deve analisar a fonte em questão, evitando, assim, cair no anacronismo.

Propõe-se neste trabalho uma análise da construção da identidade da personagem Mulan, a partir da animação de mesmo nome, buscando compreender como esta produz um questionamento sobre os papéis estabelecidos socialmente enquanto femininos e masculinos, bem como a identidade atrelada aos mesmos, fugindo da regra social comum vigente, levando em conta o contexto sócio-histórico no qual o filme foi produzido. Para tanto a metodologia utilizada constou de pesquisa bibliográfica e análise documental.

## 2 | QUEM FOI MULAN?

Primeiramente, quem foi Mulan? Do que trata a animação “Mulan” produzida pela Disney nos anos 1990, tendo estreado em 1998? A história narrada refere-se a uma representação “fiel” acerca do poema chinês no qual o filme é baseado? Ou será que a animação teve outra intencionalidade?

Segundo Sun (2008, p.1) a história mais conhecida de Mulan diz o seguinte:

*She is a fearless Chinese heroine who disguises herself as a male warrior and goes off to battle in her father's stead. She fights valiantly for twelve years without her true sex being discovered by her fellow soldiers. At the end of the war, the ruler wants to reward her for her excellent performance, but she refuses and returns home as soon as possible. She is a symbol of filial piety, a role model of female heroism. This is the most well-known story of Mulan.* (Ela é uma heroína chinesa

destemida que se disfarça de um guerreiro masculino e vai para a batalha no lugar de seu pai. Ela luta valentemente por doze anos sem que seu verdadeiro gênero fosse descoberto pelos seus companheiros soldados. No final da guerra, o comandante quer recompensá-la por seu excelente desempenho, mas ela recusa e retorna para sua casa o mais rápido possível. Ela é um símbolo de piedade filial, um modelo exemplar de heroísmo feminino. Essa é a história mais conhecida de Mulan. Tradução nossa).

A história narrada acima retrata a versão mais famosa da mesma e refere-se também àquela adaptada pela animação da Disney. Contudo, é preciso lembrar que de acordo com Sun (2008) não se tem certeza sobre a origem do poema e nem mesmo o período de sua publicação, existindo divergências sobre o mesmo. Segundo Sun (2008) alguns pesquisadores atribuem o período de 386 a 534 d.C. e outros os séculos de 618 – 906 d.C. Além disso, Sun (2008) também nos diz que além da história aqui descrita, existem pelo menos mais quatro versões sobre a personagem Mulan.

Mulan, então, é um poema chinês escrito há quase 2000 anos sobre uma personagem que, muito provavelmente, não existiu, ou seja, um sujeito fictício e é baseado nessa história que a animação da Disney constrói sua narrativa. Mas, afinal, do que trata a animação “Mulan”?

De maneira similar ao poema o filme animado da Disney também narra a história de uma mulher que se disfarça de homem e toma o lugar de seu pai para ir lutar na guerra. Assim como no poema ela também é recompensada ao fim da guerra e retorna para a sua casa e família, tornando-se uma heroína para a China.

Ao espectador desavisado o filme pode parecer uma tentativa de “retrato” fiel do poema e, talvez, tente representar um pouco da China do período no qual se crê que o poema foi publicado. No entanto, penso que a animação, muito aquém de discorrer sobre a história da China tem uma preocupação muito maior em discutir alguns problemas da sociedade ocidental, na qual o filme encontra-se inserido.

Deve-se apontar ainda que o filme não foi bem recebido na China tendo sofrido diversas críticas na ocasião de seu lançamento em fevereiro de 1999. De acordo com Langfitt (1999) em artigo para o jornal *The Baltimore Sun* o filme foi considerado muito “americanizado”, além de demonstrar a falta de conhecimento da cultura chinesa por parte dos produtores da animação.

Houve também críticas a Mulan, visto que para alguns a personagem mais se assemelhava a uma Coreana ou mesmo uma Ocidental, do que uma Chinesa, tendo sido referida ocasionalmente por cineastas como “Mulan estrangeira”. Em 2020, 20 anos depois, a Disney lançará uma versão em live-action de Mulan, seguindo uma proposta recente da empresa de relançar suas animações clássicas em formato de live-action.

A promessa da empresa é de trazer uma versão mais verossimilhante da personagem, além de uma preocupação maior com a maneira como a cultura chinesa vai ser retratada, principalmente em função da relevância que o mercado de cinema

chinês tem assumido nos últimos anos, tendo se tornado o segundo maior do mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos. Ainda assim, o pequeno teaser revelado no início de julho de 2019 já sofreu críticas, novamente com relação a aspectos da cultura chinesa, utilizados de forma equivocada pela Disney mais uma vez.

Dessa forma, não podemos perceber animação de Mulan enquanto uma obra para se discutir a História da China, até porque se trata de um filme produzido nos Estados Unidos no final dos anos 1990 e voltado para o público infantil, mas podemos utilizá-la para discutir questões postas em pauta pela animação e percebidas na sociedade da época, no caso posto, as relações de gênero, bem como a construção da identidade de Mulan.

### 3 | RELAÇÕES DE GÊNERO E IDENTIDADE EM MULAN

Por ser uma obra produzida durante os anos 1990 percebem-se no decorrer do filme da Disney questionamentos constantes sobre os papéis previamente determinados a homens e mulheres, ocorrendo principalmente durante as músicas cantadas e encenadas pelos personagens.

Primeiramente utilizamos a perspectiva de Bourdieu (2002) para compreender como ocorre a divisão dos sexos na sociedade. Para o autor

A divisão entre os sexos parece estar na “ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BORDIEU, 2002, p.15).

Pode-se dizer, então, que na sociedade temos a naturalização de papéis sociais para ambos os sexos, sendo que estes são os responsáveis pela regulação da sociedade. É nessa perspectiva que o filme de Mulan encontra-se inserido e é justamente esta divisão que o mesmo questiona no decorrer de sua narrativa e também produz a crise e construção da identidade de Mulan, visto que a não aceitação da naturalização destes papéis sociais ocorre a partir da própria personagem.

Sendo assim, o primeiro ponto em que podemos perceber como estes papéis são estabelecidos na sociedade no filme animado é no início da obra, quando Mulan, juntamente a outras mulheres, está se preparando e indo para a casamenteira, ou seja, para aprender como ser uma boa esposa. Observemos o trecho da música a seguir:

Este caso é muito raro,  
Mas jeito sempre tem.  
Um banho perfumado  
E vai ficar bem.

E então vai estar  
Pronta para encontrar seu par.  
Uma noiva mais que exemplar  
traz mais honra a todas nós.

Verá só  
Virá um  
Bom rapaz que não tem vício algum.  
Tendo sorte,  
Não é incomum,  
Traz mais honra a todas nós.

A moça vai trazer a grande honra ao seu lar,  
Achando um bom par,  
Com ele se casar.

Mas terá que ser bem calma,  
Obediente,  
E ter vigor.  
Com bons modos e com muito ardor,  
Traz mais honra a todas nós.

[...]

Mas não vá fracassar,  
Com a sorte um dia vai achar,  
E irá sempre junto a ele estar.  
Traga honra a todas nós.

[...]

{Mulan}  
Ancestrais, ouçam bem,  
Eu vos peço proteção também  
Pra que encontre logo um alguém



E ao meu pai eu vou honrar.

Assustadas em fileira,

Vamos à casamenteira.

Ancestrais, cuidem bem

Destas pérolas que aqui vem,

Prontas para aprender também

Como honrar a todos nós.

No segmento destacado a música segue a preparação de Mulan para encontrar a casamenteira e, conseqüentemente, tornar-se apta a ser uma boa esposa. Primeiramente, podemos perceber o papel estabelecido à mulher, a de uma boa esposa e, as características que a mesma deveria ter, sendo obediente, com vigor, bons modos e muito ardor. A inserção da mulher neste papel traria honra para toda a sociedade, ou seja, isso nada mais é que a naturalização da função pré-estabelecida à mulher pela sociedade.

É dentro deste contexto que encontramos Mulan e percebemos sua preocupação em se tornar uma boa esposa, isto é, de assumir o papel pré-determinado pela sociedade a ela, como visto no momento da música em que ela pede para encontrar logo um alguém, um homem, e a importância disso para honrar a sua família, bem como a sociedade. Tem-se início a crise de identidade de Mulan. Lembrando que segundo Hall (2005, p.39)

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta de inteireza* que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*.

A identidade, então, é um processo que está em constante transformação, não dependendo apenas de nós, mas também da maneira que pensamos ser vistos pela sociedade. No caso de Mulan a própria música ao começar já discute sobre a identidade da personagem ao apontá-la enquanto um caso raro, mas que após um banho perfumado, ou melhor, depois que bem trabalhada poderia se tornar uma boa esposa. Mulan, obviamente, não se encaixa nos padrões estabelecidos para a mulher e isso se torna evidente ao finalmente encontrar-se com a casamenteira e passar por sua avaliação.

O resultado era óbvio: o fracasso. Mulan falha nos aspectos considerados essenciais para uma boa esposa e retorna ao seu lar com o estigma social de que jamais encontrará um marido, fracassando no cumprimento de seu papel perante a sociedade e chegando ao ápice de sua crise identitária, questionando-se quem realmente ela é. Observemos a música seguinte cantada pela personagem e que simboliza bem esse momento:

Olhe bem  
A perfeita esposa  
Jamais vou ser  
Ou perfeita filha  
Eu talvez  
Tenha que me transformar

Vejo que  
Sendo só eu mesma  
Não vou poder  
Ver a paz reinar  
No meu lar

Quem é que está aqui  
Junto a mim  
Em meu ser  
É a minha imagem  
Eu não sei dizer

Como vou desvendar  
Quem sou eu  
Vou tentar  
Quando a imagem  
De quem sou  
Vai se revelar

Na canção destacada pode-se perceber justamente essa crise vivida pela personagem. É a internalização de que jamais conseguirá assumir a identidade de uma boa esposa, conforme exigido pela sociedade e tampouco se identifica enquanto uma boa filha. Mulan questiona-se quem ela é e que, talvez, precise mudar para adequar-se não apenas a sua família, mas também ao papel exigido a ela pela sociedade, sua função enquanto esposa.

Ao mesmo tempo em que o filme aborda o lugar estabelecido a mulher na sociedade, inicia-se seu questionamento com a crise de identidade de Mulan. Logo após seu conflito interno seu pai é convocado para a guerra mais uma vez. Mulan, ao ver a convocação do pai, coloca-se contrária a esta, indagando o oficial responsável

e lembrando-o que seu pai já se encontra velho e doente, não podendo combater na guerra novamente.

Ao questionar a ordem do militar Mulan é lembrada de sua posição social enquanto mulher, não devendo falar na presença de homens. Seu próprio pai aponta seu comportamento enquanto algo desonroso, que ele conhece o seu lugar e que está na hora de Mulan conhecer o dela.

Temendo pela vida de seu pai Mulan toma uma decisão que seria essencial para a construção de sua identidade e que coloca em xeque os papéis delegados ao universo masculino e feminino. Mulan corta seu cabelo, símbolo de sua feminilidade, furta a armadura de seu pai e parte rumo à guerra, assumindo sua identidade masculina, Ping.

Ao chegar ao acampamento de guerra Mulan precisa se portar como homem para evitar ser descoberta e é nesse momento que há mais uma canção, dessa vez voltada para a identidade masculina. Analisemos o trecho a seguir:

Vamos a batalha

Guerrear, vencer

Derrotar os hunos

É o que vai valer

Vocês não são o que eu pedi

São frouxos e sem jeito algum

Vou mudar, melhorar

Um por um

Calmo como a brisa

Chamas no olhar

Uma vez centrado

Você vai ganhar

São soldados sem qualquer valor

Tolos e sem jeito algum

Mas não vou desistir de nenhum

Alguns quilinhos vou perder

Diga a todos que eu já vou

Não devia ter deixado de treinar

Não deixa ele te bater

Espero que não saibam quem sou

Eu queria mesmo é saber nadar!

Homem ser!

Seremos rápidos como um rio

Homem ser!

Com força igual a de um tufão

Homem ser!

Na alma sempre uma chama acesa

Que a luz do luar nos traga inspiração

O inimigo avança

Quer nos derrotar

Disciplina e ordem

Vão nos ajudar

Mas se não estão em condições de se armar e combater

Como vão guerrear e vencer?

Homem ser!

Seremos rápidos como um rio

Homem ser!

Com força igual a de um tufão

Homem ser!

Na alma sempre uma chama acesa

Que a luz do luar nos traga inspiração

Este trecho do filme retrata a transformação dos convocados para a guerra em homens. É a aceitação e identificação com os valores estabelecidos pela sociedade para serem considerados enquanto homens. À medida que a música é cantada vemos a mudança dos soldados, partindo de um momento em que nada sabiam fazer, até outro no qual se tornam capazes de realizar tudo o que era esperado a um bom soldado, isto é, a um homem.

Dessa forma, segundo Bourdieu (2002, p.18)

A diferença *biológica* entre os *sexos*, isto é, entre o corpo masculino e o feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho.

Nesse sentido, o treinamento para a guerra seria o ápice dessa distinção

biológica, buscando naturalizar o papel que deveria ser exercido a mulher e ao homem dentro da sociedade. E como Mulan encaixa-se aqui? Mulan, apesar de ser uma mulher e fracassando no que era exigido aos soldados no começo, ao término do treinamento torna-se melhor do que os próprios homens, sendo capaz de efetuar tudo o que era requisitado a estes.

Questiona-se, então, o que é ser homem? Será que realmente existem funções naturais ao masculino e feminino determinados pelas distinções biológicas? Este ponto da animação da Disney é crucial para indagar sobre isso, a partir do momento que coloca uma mulher sendo não apenas capaz, mas melhor em tudo aquilo que o homem deveria realizar. A animação, então, coloca em discussão que os papéis do masculino e feminino não são naturais, mas sim uma construção social.

Mulan, nesse ponto, assume de fato uma identidade masculinizada, marcha à guerra com seus companheiros e, durante a batalha, é ferida, terminando por ser desmascarada ao término desta. Nesse momento a personagem é acusada de traição, mas tem a vida poupada por seu comandante por conta de uma dívida de batalha que este teria com seu alter-ego masculino, Ping.

Após descobrirem que na realidade Mulan era uma mulher, seus companheiros partem rumo à cidade imperial para receberem as glórias pela vitória na guerra. Mulan, ao ficar para trás, percebe que alguns dos Hunos permaneceram vivos e escuta seu plano de vingança contra o imperador e a China.

Ao tentar avisar seu comandante e seus companheiros na cidade imperial sobre a situação, novamente Mulan, em um mundo dominado por homens, escuta que o seu lugar não era aquele, ou seja, ali ela não tem voz. Mulan questiona, então, qual a diferença entre ela e Ping, seu alter-ego masculino. Por que seu comandante confiava em Ping, mas não poderia confiar nela?

O questionamento de Mulan nesse momento é muito mais profundo e vai além de uma simples questão de confiança. Sua indagação nos traz à tona as relações estabelecidas entre o masculino e o feminino. Por que ouviriam Ping, mas não Mulan? Justamente por Ping “ser homem”.

Não apenas seu comandante, mas nenhum outro homem escuta Mulan, culminando no eventual ataque dos Hunos e sequestro do imperador chinês. Nesse momento, quando nenhum homem consegue resolver a situação, Mulan, enquanto mulher, intervém, salvando o imperador e eliminando a ameaça dos Hunos.

Desta forma, o final do filme torna-se uma crítica feita através dos discursos e das ações de Mulan, a uma perspectiva de reprodução e de legitimação dos papéis sociais previamente estabelecidos a homens e mulheres em nossa sociedade, bem como um convite a reflexão sobre estes.

## 4 | CONCLUSÃO

Aqui, talvez, possamos nos perguntar o motivo dessa discussão em uma animação infantil. Sobre isso, Pinsky (2008) aponta sobre as continuidades de alguns destes papéis questionados em *Mulan*, como a vinculação do papel de boa esposa a mulher e a necessidade de encontrar um marido, e que ainda permeiam a sociedade em que vivemos, ressaltando, porém, que as rupturas existem e que não podemos considerá-las apenas enquanto fruto do tempo e da transformação das ideias, mas também como resultado da luta de diversas pessoas que viveram em momentos como os anos 1960 e que tiveram a coragem de ir contra os valores da época e de lutar por transformações sociais.

Dessa forma, muito provavelmente, os questionamentos presentes no filme são resultados dessa luta por mudanças sociais que ocorrem no decorrer do século XX e de sua influência perante a sociedade ocidental, estendendo-se às produções audiovisuais.

*Mulan*, que outrora não se identificava com os papéis atribuídos a mulher, levando a sua crise de identidade, após assumir o lugar de seu pai e, conseqüentemente, de homem, constrói uma nova identidade. Ela não se torna um homem, mas percebe que ser mulher está muito aquém daquilo que a sociedade determinava a ela. Sua identidade enquanto mulher não mais se atrela a figura da esposa, mas sim a de uma mulher forte, capaz de guiar seu próprio destino e, ao fim do filme, salvar a China.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. *In*: \_\_\_\_\_ (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011. p. 7– 38.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. 384p

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2005.

LANGFITT, Frank. Disney magic fails ‘Mulan’ in China; Cultures: The Americanized version of the famous folk tale is all too American for Chinese movie audiences. **The Baltimore Sun**, Beijing, 3 may 1999. Disponível em: <https://www.baltimoresun.com/news/bs-xpm-1999-05-03-9905030250-story.html>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MULAN. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Produção: Pam Coats. Intérpretes: Ming-Na, Eddie Murphy, B.D. Wong, Miguel Ferrer, Harvey Fierstein, George Takei, Pat Morita e outros. Roteiro: Robert D. San Souci, Rita Hsiao, Chris Sanders, Philip LaZebnik, Raymond Singer e Eugenia Bostwick-Singer. Música: Jerry Goldsmith (Trilha Sonora), Matthew Wilder e David Zippel (Canções). Estados Unidos da América: Walt Disney Animation Studios, c1998. 1DVD (90 min), widescreen, color.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes Audiovisuais: A História depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235 – 290.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. *In*: PRIORE, Mary Del (org.). **História das**

**mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 607 – 637.

SUN, Xiaosu. **Mulan on Page and Stage**: Stories of Mulan in Late Imperial China. 2008. 45 f. Thesis. (M.A. in East Asian Studies) – University of Pittsburgh, Pittsburgh, 2008.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 13, 14, 15, 16, 19, 21, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 107, 112, 113, 119, 120, 121, 165, 188, 194, 199, 210, 211, 212, 228, 238, 240, 245, 266

Aquisição 16, 20, 61, 65, 71, 76

Autismo 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

### B

Bakhtin 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 134, 222, 223, 225

### C

Complexidade 3, 4, 57, 58, 59, 65, 103, 114, 223, 286

Cotidiano escolar 10, 81, 82

Cultura cômica 123, 124, 126

### D

Dança 9, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 240, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 301

### E

Educação de jovens e adultos 199, 208, 209, 210, 211, 216

Educação informal 227

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 31, 33, 34, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 94, 95, 97, 107, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 165, 167, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 201, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 238, 239, 240, 245, 246, 266, 295, 296, 299, 306

Estudos linguísticos 72, 122, 217, 218, 223, 225

### F

Formação 1, 2, 3, 4, 8, 14, 16, 17, 26, 52, 61, 62, 66, 69, 70, 71, 74, 83, 84, 87, 88, 89, 92, 93, 96, 107, 120, 121, 130, 146, 151, 157, 159, 160, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 204, 206, 211, 212, 216, 223, 224, 239, 246, 279, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304

### G

Gêneros textuais 15, 18, 20, 113, 118, 119, 120, 121

## I

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 8, 12, 16, 17, 20, 22, 35, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 63, 64, 65, 75, 104, 110, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 132, 180, 181, 220, 237, 238, 239, 281, 297, 298

Imaginário 1, 50, 52, 148, 248, 265

Interação 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 25, 63, 69, 76, 78, 105, 106, 109, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 133, 174, 175, 195, 220, 223, 227, 239, 286, 287, 288, 292, 301, 302, 304

Interacionismo Sociodiscursivo 6

## L

Leitura 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 61, 81, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 119, 120, 152, 158, 159, 161, 162, 179, 185, 187, 196, 197, 198, 206, 212, 215, 236, 289, 290, 291, 293, 298

Letramento 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 208, 209, 211, 212

Linguagem 6, 11, 13, 15, 16, 18, 37, 58, 62, 63, 70, 97, 99, 100, 102, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 151, 159, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 203, 209, 210, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 284, 286, 287, 295, 299, 300

Língua inglesa 69, 70

Língua portuguesa 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 86, 87, 89, 95, 96, 97, 112, 119, 131, 143, 175, 194, 212, 247, 306

Literatura 106, 123, 124, 126, 127, 130, 134, 144, 145, 146, 147, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 194, 196, 197, 198, 247, 248

Livro de artista 23, 24, 25, 26, 27, 33, 34

## M

Memória 4, 25, 52, 102, 104, 105, 107, 124, 132, 146, 150, 158, 176, 223, 236, 260, 261, 281

Midiática 123, 190, 239

Multiculturalismo 61, 62, 63, 70, 90

Multimodalidade 283, 284, 285, 286, 288

## O

Ópera 152, 202, 203

## P

Personagem 35, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 102, 136, 139, 143, 148, 149, 150, 151, 180, 181, 182, 214

Povo indígena 278, 280

## R

Rede digital 184

## **S**

Sala de aula 1, 5, 6, 13, 61, 63, 68, 70, 76, 82, 83, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 197, 209, 240, 304

Sistematização 95, 119, 296, 302

## **T**

Tecnologias digitais 6

## **V**

Vivências 8, 109, 157, 159, 167, 235, 238, 239, 278, 280

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-704-8



9 788572 477048